

# DIABLO

## IMMORTAL™

Somos Todos  
Culpados

UM CONTO ESCRITO POR RYAN QUINN

## História

RYAN QUINN

## Ilustração

CYNTHIA SHEPPARD

## Edição

CHLØE FRABØNI

## Design e Direção de Arte

CØREY PETERSCHMIDT

## Consultoria de ambientação

IAN LANDA-BEAVERS

## Consultoria criativa

DAVID LØMELI, JOHN MUELLER,  
RAFAL PRASZCZALEK, DAVID RØDRIGUEZ,  
MAC SMITH

## Produção


BRIANNE MESSINA,  
AMBER PRØUE-THIBØDEAU,  
CARLØS RENTA

## Agradecimentos especiais

SCØTT BURGESS, TØDD CASTILLØ, QIAN LIN LIU,  
JESS LYTTØN, JUSTIN MURRAY, EMIL SALIM,  
HUNTER SCHULZ, BEN WAGNER, MIKE YAKLIN,  
E TØDØ Ø TIME DE IMMØRTAL DØ PASSADØ  
E ATUAL, PØR ME IMPULSIONAREM A CRIAR  
UMA IDENTIDADE MUITØ ESPECIAL PARA ESSA  
CLASSE.



# Somos Todos Culpados

 Quando tiraram Kez da cela e a fizeram marchar até a barca, o silêncio perturbou-a mais do que os dois anos na cela. Não havia ninguém ali para empurrar, arremessar peixes podres ou lançar insultos ainda mais nojentos. Guardas com capacetes largos de couro escamado subiram lentamente com ela pela prancha escorregadia, cada um segurando um de seus ombros com mãos firmes, porém gentis como uma brisa suave.

Da última vez foi diferente. Da última vez ela mereceu.

Mas hoje precisavam dela, deduziu. Então havia respeito, ou pelo menos o pouco que esse bando de lampreias conseguia demonstrar. Se ela tivesse sorte, eles a deixariam comer com as mãos em vez de ter que comer com o queixo dentro de uma tigela.

O fim de sua expiação já havia passado há tanto tempo que Kaz ficou surpresa por alguém se dar o trabalho. Talvez quem a acusou estivesse morto. Ou talvez estivessem saindo para nadar um pouco. Ela não permitiu a si mesma ter esperanças de que fosse algo além de uma pausa na tempestade.

Kez circulou a vela quadrada e lilás, e sentou-se no banco que havia no fundo da barca que os guardas indicaram.

Era um dia ameno, o que significava uma chuva fina, rostos dormentes, e nada de granizo. Kez encheu os pulmões com o ar gélido e revigorante. Havia pessoas amontoadas por todo banco de trás e nos remos abaixo, com o hálito visível pelo frio, e algumas se contorceram para observar quando ela embarcou. Um misto de

peessoas pálidas, bronzeadas, altas e baixas, mas todas padronizadas pelas roupas marrons e toscas de prisioneiros.

Tinham os braços cobertos, mas sem peles, então alguns tremiam e se encolhiam juntos, como ela já havia feito com seus velhos vizinhos, quando o clima era frio demais para ficar sozinha. Sua casa ficava em Som Farrapo, no extremo oeste das Ilhas Frias, uma das várias ilhotas que cercavam a capital de Pelghain. Ilhotas minúsculas envoltas em uma saia de dejetos dos portos da cidade, sempre as últimas a saber de uma crise até que as ondas a colocassem em cima delas. Seu lar, antes de ser uma cela, era Som Farrapo.

Um dos prisioneiros, pescoço grosso, nariz de porco e cabelos negros e ralos tossia e mexia na garganta como se tivesse engolido uma lula. Mas parou quando viu Kez. Murmurou, balançou a cabeça e olhou para os guardas.

— Que adorável. Vou ter que carregar mais alguém nas costas? Por que não trazem um bebê?

Ele esbravejou mais algumas vezes. Kez imaginou que pudesse ser um caçador, ela conseguia imaginá-lo em meio às ondas com um chifre e lança, pronto para alimentar a família Nada de especial. Provavelmente mandado para a jaula depois de uma briga testemunhada pelas pessoas erradas.


Kez sabia exatamente o que ele via ao olhar para ela.

Pele escura, cabelos negros tão maltratados que escapavam do capuz e se agitavam ao vento, mesmo molhados. Mesmo com postura rígida, de estatura pequena. Mãos de lado e pés que apontavam em direções opostas, como quem se prepara para pular. A cela não tirou isso dela — não conseguiu, mesmo quando não havia espaço para ficar de pé. Suas roupas estavam desgastadas, dando a impressão de que os ratos se aproveitaram da gola e das bainhas.

Kez não tossia ou tremia no frio. Apenas seu lábio se contorcia, como se lutasse pela vida. As sobrancelhas se espremiavam juntas. Ela podia mostrar para esse pescoço-duro que ele estava errado, jogá-lo ao chão e deixar que os outros zombassem dele. Ele estava aqui pela expiação, não estava?

Mas isso não a levaria para casa.

Em vez disso, ela tentou se lembrar do treinamento. Se imaginou no meio de um círculo de pessoas, sussurrando e gritando para ela, querendo coisas que ela nunca poderia lhes dar, coisas contraditórias. Uma tempestade de distrações.



A CALMA  
ERA APENAS  
OUTRA PRISÃO,  
MAS ELA PRECISAVA  
FINGIR. MESMO ASSIM,  
KEZ BATEU SUAVEMENTE  
SEUS PULSOS ALGEMADOS  
NO PARAPEITO DA BARCA.  
NÃO CONSEGUIA EVITAR.  
DOIS ANOS. DOIS ANOS  
TERRÍVEIS. ELA FICOU  
TRANCADA POR TEMPO  
DEMAIS PARA DESPERDIÇAR  
AS PROMESSAS DAS QUAIS  
OS SÁBIOS FALAVAM.

Necessidades que estavam além dela. Necessidades das quais ela precisava se livrar. Ela absorveu os gritos até se tornarem um zumbido.

Kez aliviou o cenho. Relaxou os lábios até formarem uma linha reta, que nada revelava. Seu rosto se tornou uma máscara plácida. A calma era apenas outra prisão, mas ela precisava fingir. Mesmo assim, Kez bateu suavemente seus pulsos algemados no parapeito da barca. Não conseguia evitar. Dois anos. Dois anos terríveis. Ela ficou trancada por tempo demais para desperdiçar as promessas das quais os sábios falavam. Ela não retrucou em voz alta. Apenas bateu os pulsos e ouviu o caçador tossir até desviar o olhar.

Então ouviu o ranger de botas subindo pela prancha. Botas firmes, nada de pele de focas. Eram passadas diligentes, em unísono. O vento uivava em seus ouvidos — apenas nos dela; a vela da barca permanecia perfeitamente imóvel. Sua garganta fechou por conta própria.

— Sábio Kynon —, entoou um dos guardas, enquanto batiam as hastes de suas lanças no convés. Os outros repetiram em turno, igualando o volume de suas vozes.

Kez sentou-se sobre as mãos, esforçando-se para não olhar para ele.

Kynon se vestia imperialmente, no estilo da velha Pelghain. Um par de mantos tingidos de vermelho e púrpura cruzavam seus ombros, presos por um broche dourado com dois cetos. Cabelos grossos desenrolavam-se sobre seu pescoço e ombros, mas a barba era mantida bem aparada.

A boca dele era tranqüila e curvada para baixo, seus olhos eram cinzentos e — junto com as sobrancelhas — patéticos.

A visão de um funcionário. Um corpo vazio. A única coisa que recebia sua atenção era seu posto.

Mesmo com as mãos algemadas, Kez tinha certeza de que poderia saltar sobre ele, para que caíssem da barca juntos. Talvez ele batesse a cabeça na prancha enquanto caía. Talvez os maározhi, as feras marinhas, o atacassem antes que ele conseguisse nadar de volta.

Companheiros constantes desde o treinamento, o círculo de vozes em sua mente e coração, que soavam como seus velhos amigos e uma centena de sussurros ancestrais sem nome, borbulhavam pedindo calma. *Os ventos não estão a favor*, eles diziam. *As ondas ainda não pararam. Encontre a tranqüilidade no coração da tormenta e ela irá durar até o fim da tempestade.*

Ela silenciou as vozes. Não dava nem mesmo para *fingir* ter calma, enquanto a névoa sussurrasse assim para ela.

Kynon caminhou em frente do banco dos fundos. Um dos prisioneiros, com cara de capanga e cabelos castanhos ensopados, endireitou-se quando os olhos do sábio passaram por ele. Kynon o ignorou e disse, com as bochechas se enchendo como um peixe:

— O Repouso de Mehrwen é uma ilhota de pouca importância ou fluxo. Esta semana ela foi inundada pela névoa.

Kez conhecia o Repouso. Ficava a meio dia de navio de Som Farrapo. Tinha esse nome, supostamente, por ter servido uma vez como repouso para Mehrwen, a austera imperatriz da antiguidade. A névoa, como a maioria dos sábios insistiam, eram os últimos fôlegos de Mehrwen, de quando ela nadou para longe de sua irmã assassina para morrer em algum lugar onde as pessoas pudessem encontrá-la e adorá-la.

— Conseguimos evacuar a maioria das pessoas — continuou o sábio — mas não todas. Se algum dos remanescentes ressurgir como monstro, deverão receber descanso. Senão, quando os ventos mudarem... eles marcharão junto. — Direto para Som Farrapo e o resto das ilhas para matar os camponeses, se a história fosse algum indício.

Kynon leu os nomes e números dos prisioneiros, um de cada vez. Ponnyd, Cedrouk, Silla. Todos da mesma ilha.

— Gart, de Som Farrapo. Um ano de expiação. Um ano restante — o caçador com nariz de porco grunhiu em reposta.

— Só um? — outra pessoa sussurrou, incrédula.

Gart riu com desdém.

— Paltik, de Som Farrapo — continuou Kynon, ignorando-os. — Quatro meses de expiação. Um ano restante — disse. Paltik era o que se endireitou quando Kynon olhou na direção dele. Ele saudou às costas de Kynon, conforme o sábio andava.

— Kez, de Som Farrapo — disse ele, sem demonstrar mais ou menos emoção do que os outros. — Dois anos de expiação. Dois anos restantes.

— Sim —, foi tudo o que ela disse.

— Mesmo que tenham falhado no dever com seus postos, Pelghain não vê suas falhas hoje. Apenas suas promessas — prosseguiu em tom cansado, como se já

tivesse dado esse discurso antes.

— Sua expiação não é mais continuar em isolamento, mas sim tentar novamente — disse gesticulando para todos, mas mantendo o olhar sobre ela. — É honrar a sua culpa e provar que suas almas foram mudadas por ela. Façam isso em dois dias e eu anularei suas sentenças. Estarão livres para habitar qualquer uma das ilhas do refúgio que quiserem.

Dois dias. Depois casa. Isso batia bem no fundo.

Kynon fez uma pausa óbvia para dar efeito e concluiu: — Caso falharem e, mesmo assim, retornarem com vida, voltarão para suas celas e esconderão sua vergonha dos céus.

Kez resolveu não saltar sobre ele. Ninguém desceu do barco.



A tosse de Gart diminuiu durante a viagem, conforme se aproximavam da ilhota Repouso de Mehrwen. A barca, grande o suficiente para abrigar todo o séquito do sábio, demandava muitas mãos, então Kynon ordenou que as algemas dos prisioneiros fossem removidas, para que pudessem remar. Quando ele saiu de vista, Kez imaginou, não pela primeira vez, se eles deveriam se revoltar. Assumir o controle da barca e navegar para... algum outro lugar. Precisariam ir muito além das tempestades. E muito além do que qualquer um ali já havia navegado em suas vidas.

Mas, após tantos anos, ela entendia o encanto da expiação. Dois dias mais algum tempo na floresta sombria e logo estariam em casa. E ela conhecia bem o caráter de pessoas como Paltik, com suas saudações rápidas. Eles não sabiam como recusar uma oportunidade. Eles eram de Som Farrapo. A maioria nunca teve nenhum tipo de oportunidade.

A névoa estava se acumulando em volta deles, grudando como teias brancas e gélidas nas redes da barca, colocadas para protegê-los do granizo, mas ineficazes contra a escuridão. Próximo à proa, alguém soava uma corneta em uma cadência constante. Quando a névoa caía era fácil bater em coisas silenciosas.

Alguns dos habitantes de Som Farrapo haviam se juntado nos remos para



impulsionar a barca na primeira parte da viagem. Conforme o dia se estendia, o ritmos dele diminuiu, até que Kynon instruiu que os guardas remassem o resto do caminho.

As pessoas de Farrapo eram apenas uns coitados, mas Gart, pelo menos, parecia já ter brigado. Kez foi até onde ele estava conversando com Paltik, pigarreou e disse:

— O sábio ou os guardas disseram quantos teriam lá? Alguma coisa sobre o lugar? Quais armas trouxeram para nós?

— Você está no comando agora? — gargalhou Gart.

Kez conhecia esse tipo de pessoa. Só havia uma autoridade no mundo dele, então ela contestou: — Não. Só estou tentando garantir nossa sobrevivência.

Ele se levantou. Firme, apesar do chão instável. Gart era alto, do tipo que intimidava só de estar perto demais. Ele estalou os dedos, algo que parecia fazer com frequência.

Ele não tinha uma arma. Não que ela pudesse ver. Mas ele tinha alcance, e seus punhos finalmente estavam livres depois de muito tempo presos. Kez tentou manter a máscara de placidez enquanto ele zombava dela: — Não vem me dizer o que fazer, menina.

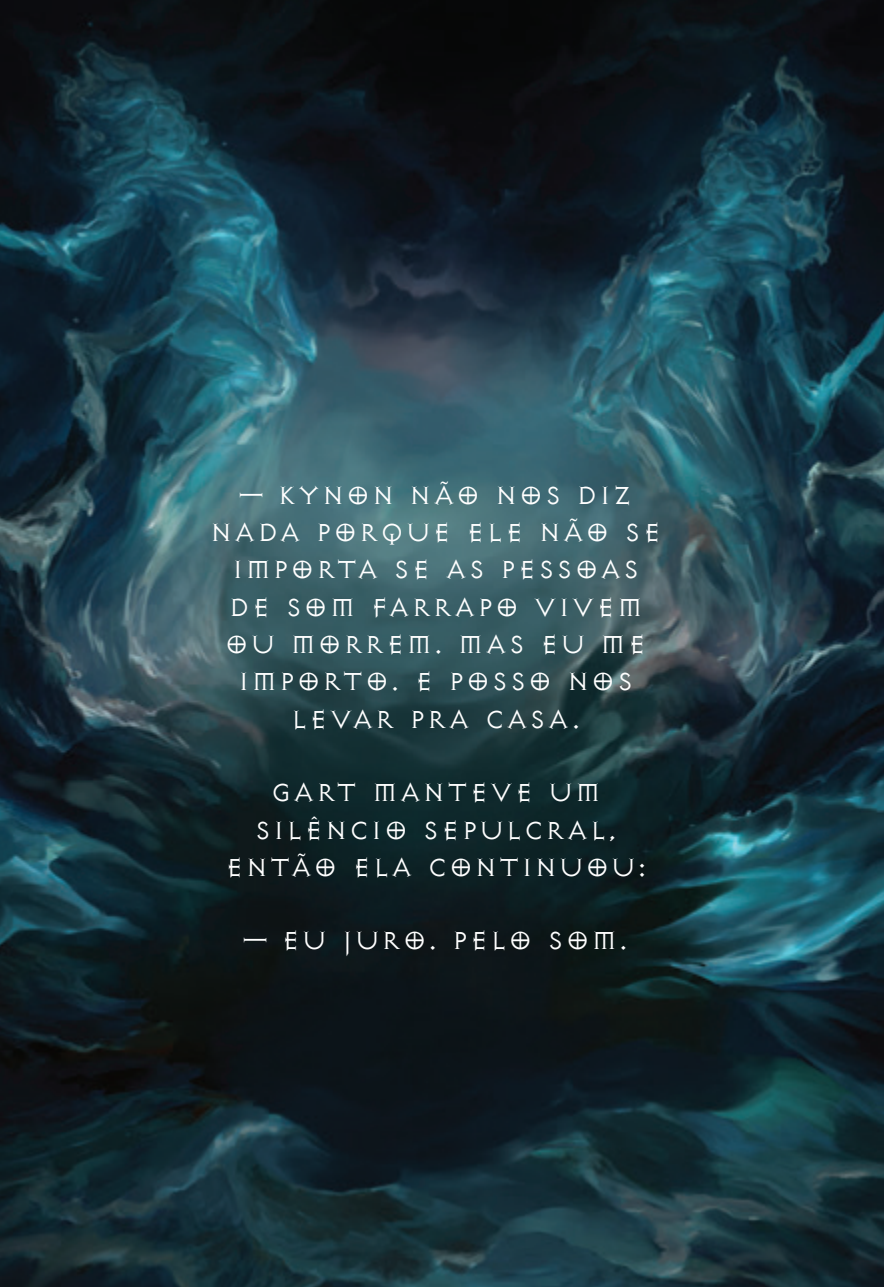
A calma não estava ajudando, mas Kez não queria ferir suas poucas chances. Lutando para contar a irritação, ela disse: — Eu já estive na Espiral e voltei. Você tem sorte por ter alguém como eu te instruindo.

Gart deu um sorriso cheio de buracos ao ouvir isso, com sua cara suína tomando uma forma maníaca conforme ele se aproximava, abrindo os braços. A mensagem era clara: *Isso é só conversa. Vamos lá. Quero ver me acertar.* Se os guardas viram a briga se armando, não se importaram.

Kez não podia jogá-lo para fora da barca. Ele morreria congelado. Então, ela se levantou, apontou um punho para ele e puxou o outro braço para trás, preparando-se para um golpe no corpo. Gart tensionou e levantou a guarda — então ela o chutou bem no quadril.

Era um truque barato, especialidade de Som Farrapo. Perigoso e familiar. Começou uma algazarra, com Paltik, o capanga, se esforçou para manter os outros prisioneiros afastados, alguns prontos para jogá-la para fora da barca, e a maioria rindo a ponto de se esquecerem do frio.

Apesar de estar com as veias do pescoço saltando, assim que Gart recuperou o



— KYNØN NÃØ NØS DIZ  
NADA PØRQUE ELE NÃØ SE  
IMPØRTA SE AS PESSOAS  
DE SØM FARRAPØ VIVEM  
ØU MØRREM. MAS EU ME  
IMPØRTØ. E PØSSØ NØS  
LEVAR PRA CASA.

GART MANTEVE UM  
SILÊNCIØ SEPULCRAL,  
ENTÃØ ELA CØNTINUØU:

— EU JURØ. PELO SØM.

equilíbrio ele também começou a rir. Kez levantou as mãos para mostrar que não faria mais nada. Ela falou em um tom alto o bastante para que os habitantes de Som, e o pessoal do sábio, pudessem ouvir:

— Kynon não nos diz nada porque ele não se importa se as pessoas de Som Farrapo vivem ou morrem. Mas eu me importo. E posso nos levar pra casa.

Gart manteve um silêncio sepulcral, então ela continuou:

— Eu *juro*. Pelo Som.

Gart ficou de pé, afrouxou algo do lado da barca e levantou as mãos. Seu sorriso era diferente. Agora ele estava ouvindo.

Kez, Gart e Paltik caminharam lentamente até a frente da barca, observando com cuidado por onde passavam, pois pedaços de névoa já tinham descido até a altura deles. Dois guardas do séquito de Kynon o flanqueavam por proteção, outra estava sentada em um baú imenso, ocasionalmente tocando uma corneta para sinalizar a passagem pela névoa. O sábio observava com atenção o que havia além da proa, mas se virou rapidamente quando Kez disse:

— São quantos?

— Evacuamos todas as famílias, menos duas. Não deve ter restado mais do que oito almas — respondeu Kynon, sombrio.

Eram seis prisioneiros no total, nas contas de Kez. Ponnyd, Cedrouk, Silla, Paltik, Gart, e ela. Ela deu mais um passo, aproximando-se de Kynon com cuidado para não entrar em um alcance que os guardas pudessem considerar ameaçador, e perguntou:

— Onde estão seus Tempestários?

Ele levantou uma sobrancelha. Não era o tipo de pergunta que ele esperaria dela, dentre todas as pessoas.

— *Eles* foram requisitados em Pelghain. *Você* é a coisa mais próxima de uma Tempestária nas proximidades do Repouso de Mehrwen — respondeu ele, seco.

— Essa garota é uma Tempestária? — bufou Gart, negligenciando o significado de questionar as palavras de um sábio. Ele olhou com incredulidade e algo a mais. Medo? Admiração?

Kez começou a dizer que teria concluído seu treinamento, mas Kynon a interrompeu, cortando seus protestos: — Ela estava em *treinamento*. E tem sorte de ainda carregar o fardo de Mehrwen.

Ela *terminou* a maior parte do treinamento. Ela ficou à deriva sozinha em lagos gelados, bebeu da névoa, às vezes durante minutos, por anos. Ela aprendeu a dança das lâminas, matou maazozhi e até pagou o preço para comandar o vento e as ondas, para se tornar hospedeira da sabedoria do passado de Pelghain. Ela herdou uma vida inteira de palavras incessantes em sua mente, séculos de lembranças em milhares de vozes diferentes.

Kez se irritava com facilidade, mas a névoa, o zumbido suave e constante do sussurro deles, deixava tudo pior. Havia um bom motivo para que a calma fosse tão estimada em sua nação.

Mas o status dela não estava em discussão. Não com ele. — O que tem no baú?

— Lanças para todos. E algumas vestes de couro batido — disse a guarda com a corneta, após se levantar e abrir o baú.

— E? — Kez esperava por mais, e quando não ouviu, ela continuou. — Cadê minha espada?

— Ela será inútil para você — suspirou Kynon.

Então estava com ele. Será que ele tinha trazido para que ela se lembrasse da sua falha?

Ter raiva de um sábio era algo grave, falar com raiva era passível de punição. Kez tentou formular as palavras certas, para poder suplicar. Mas tudo o que saiu foi sua dor:

— Foram anos da minha vida, seu idiota crasso.

As bochechas de peixe de Kynon se encheram. Ele levantou os dois braços e seu séquito se adiantou. A guarda com a corneta parecia pronta para agarrar Kez, que fechou as mãos e dobrou os joelhos.

Paltik socou Kez no rim e se posicionou entre elas. O significado daquilo era claro: *Se um de nós cria problema, todos vamos para a água*. O pensamento de um laçao.

— Sábio Kynon, por favor, imploro para que ouça. Ela esqueceu de quem é... mas ela fala por todas as nossas expiações — suplicou Paltik, apontando para si mesmo com a mão suave, apontando para Kez, para os guardas, os outros prisioneiros e o sábio. — Por favor, somos todos culpados.

Kez *odiava* essa expressão. Ela era comum em todos os cantos das Ilhas Frias, não importa a distância que estivesse de Pelghain. Ela significava “lembre-se de

que todos cometem erros”, mas também que “todos são responsáveis pelos erros de todos”. É o pior tipo de covardia, espalhar a culpa por algo que *você* fez, até que sobrasse tão pouco que ninguém conseguiria ver. Isso tornava a liderança fraca, perdoava o imperdoável... e permitia que alguns fossem favorecidos. A culpa do Kynon — a culpa dos sábios — pertenciam a todas as almas nas Ilhas Frias, mas a fúria de Kez era um problema só dela. Não importa o quão certa ela parecesse estar.

Mas as palavras de Paltik funcionaram com o sábio Kynon. É claro. Ele balançou a cabeça e disse:

— Fique com ela, então. — Os guardas abriram o baú e reviraram o conteúdo enquanto ele continuou: — Eu voltarei amanhã ao pôr do sol. Não falem comigo até terem prova de que o número de monstros diminuiu. Com pelo menos um deles morto para cada um de vocês, ou sua expiação irá continuar.

Enquanto os outros vestiam o couro fervido, um guarda colocou a espada de Kez nas mãos dela, que lutou para conter um suspiro. Ela ainda se lembrava de quando os dentes se quebraram. Ninguém se preocupou em consertá-la. Pelo menos o metal ainda estava polido o bastante para refletir seu rosto.

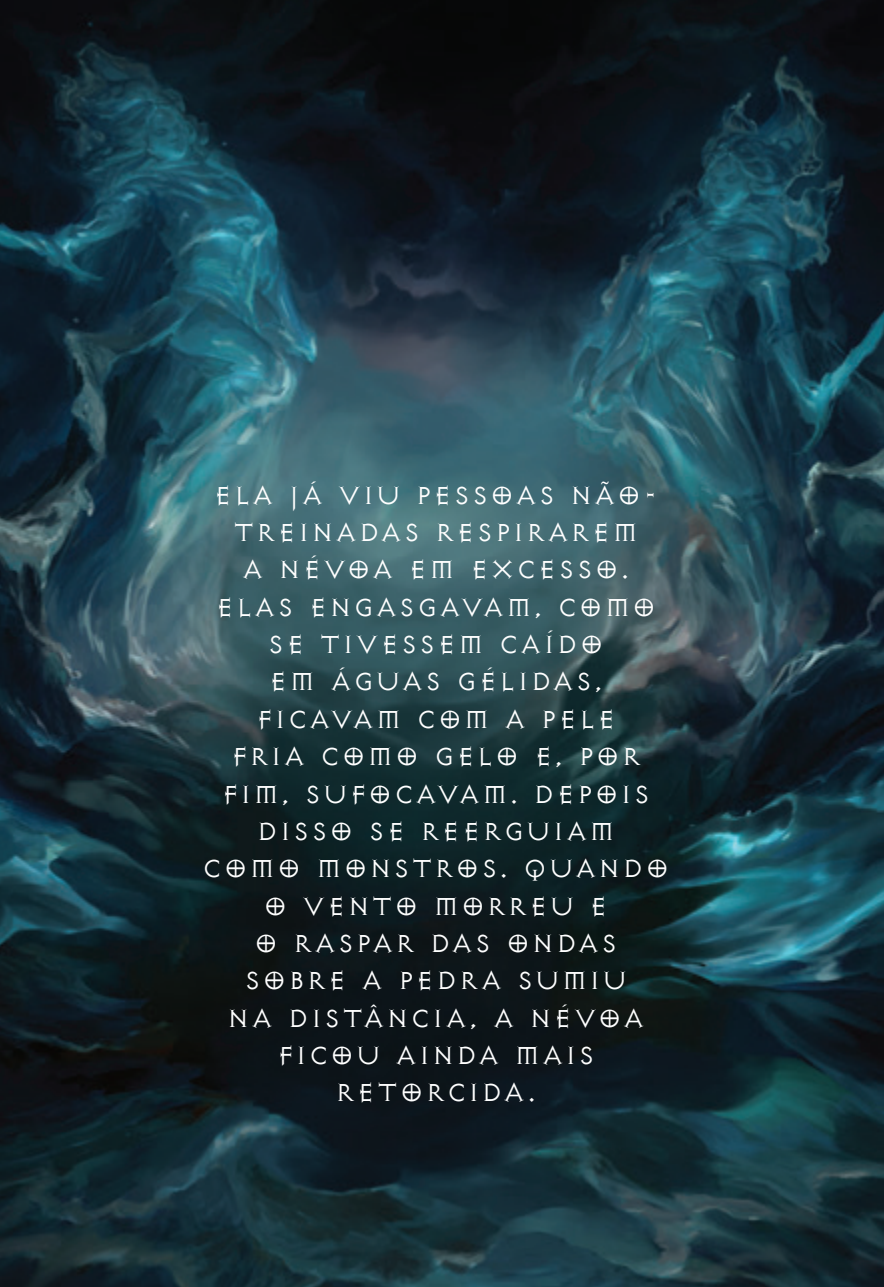
Um fio de vento era algo precioso, uma lâmina que permitia que os Tempestários explorassem a fúria dos ventos do norte contra os inimigos de Pelghain. Parecia que a empunhadura não via um ajuste há anos. Era uma coisa velha e marcada, em sua pior forma até hoje.

Mas não era inútil. Não para ela.



Eles saltaram da barca na parte mais plana de uma grande área pedregosa e marrom, cercada por crostas de gelo desprendidas, grande suficientes para servirem de jangada. O grupo de seis prisioneiros dirigiu-se ao pequeno vale arborizado que dividia as colinas da ilhota no meio — e onde a névoa era mais densa — com Kez assumindo a liderança.

Kynon falou para Gart — porque se recusava a dirigir-se diretamente a Kez — que ele não esperaria o trabalho ser concluído perto da névoa. Precisavam dele em outro lugar, foi o que disse. E pediu para aqueles que não fossem conseguir,



ELA JÁ VIU PESSOAS NÃO-  
TREINADAS RESPIRAREM  
A NÉVØA EM EXCESSØ.  
ELAS ENGASGAVAM, CØMØ  
SE TIVESSEM CAÍDØ  
EM ÁGUAS GÉLIDAS,  
FICAVAM CØM A PELE  
FRIA CØMØ GELO E, PØR  
FIM, SUFØCAVAM. DEPØIS  
DISSØ SE REERGUIAM  
CØMØ MØNSTRØS. QUANDØ  
Ø VENTØ MØRREU E  
Ø RASPAR DAS ØNDAS  
SØBRE A PEDRA SUMIU  
NA DISTÂNCIA, A NÉVØA  
FICØU AINDA MAIS  
RETØRCIDA.

para que esperassem na costa pelo retorno dele, ao invés de arriscar a morte e o ressurgimento como monstros, piorando a ameaça.

Pelo menos estavam mais bem aquecidos. Kynon havia lhes dado peles, mantos grandes e densos de uma lã grossa e fétida, além de bolsas com cogumelos secos. O sábio tinha um leve interesse no sucesso deles, mas isso não significava receber a todos eles de volta.

Eles pararam para tomar fôlego na entrada do vale, ao som do cascalho quebrando sob suas botas, um substituto estranho para a falta de pássaros e insetos da ilha.

Pela entrada do vale, eles podiam ver a névoa branca escorrendo para cima a partir do chão, como o hálito condensado de um animal. Pedacos flutuavam ao lado deles, sólidos o bastante para que Kez desviasse e evitasse o toque, e aconselhou os outros a fazerem o mesmo. Ela já viu pessoas não-treinadas respirarem a névoa em excesso. Elas engasgavam, como se tivessem caído em águas gélidas, ficavam com a pele fria como gelo e, por fim, sufocavam. Depois disso se reerguiam como monstros. Quando o vento morreu e o raspar das ondas sobre a pedra sumiu na distância, a névoa ficou ainda mais retorcida.

O grupo segurava as lanças em uma bagunça de poses, alguns as levavam à frente, com ombros rígidos e alguns as seguravam rigidamente ao lado do corpo. Kez retorceu o nariz vendo isso. Talvez metade deles tenha usado uma lança em alguma caçada. No máximo.

— Você precisa dar mais espaço, para conseguir apunhalar algo sem aproximar tanto os dedos — sugeriu Kez, dando um leve tapa nas mãos de Paltik e ajustando sua pegada, ao ver que as mãos dele enforcavam a lança.

— Você deveria ir na frente — interrompeu Gart, balançando a cabeça ao ver a cena. — Um homem do império sabe o seu valor.

— Pare de agir como se fosse o único aqui — retrucou Kez. — Se qualquer um de nós morrer, o número de monstros aumenta. Isso é o bastante para você entender o problema?

Gart apenas desdenhou. Mas pelo menos ele ficou quieto. Com certeza Paltik se sentiu envergonhado, mas ela o viu mudar a empunhadura enquanto andavam e o viu praticar alguns golpes no ar.

Não era muito. Mas era alguma coisa, e ela havia prometido pela própria Som

Farrapo que os protegeria. Então ela continuou a caminhar, olhando para frente e para trás entre o caminho e a lâmina de sua única espada, checando seu reflexo a cada poucos minutos para ver se as névoas não haviam fechado completamente ao redor de seu grupo.

As pessoas de Repouso de Mehrwen teriam construído suas casas nas partes altas, fora do vale, para evitar enchentes. Kez concluiu que eles poderiam subir nas encostas do vale e procurar suas presas em suas antigas casas. Ela liderou os prisioneiros morro acima em grandes arcos, desviando das paredes do vale sempre que a névoa ficava densa demais, certificando-se primeiro de que as pilhas de cascalho solto estavam firmes o bastante, antes que os outros avançassem.

Ela esperava que a névoa raleasse conforme subiam, mas após cerca de uma hora, Cedrouk e Silla estavam se assustando com sons que Kez não ouvia, sacudindo a cabeça de forma rápida e dolorosa e murmurando para si mesmos. Um sinal claro.

— Eu vou falar e não vou parar até chegarmos em um lugar mais tranquilo — explicou Kez, em voz alta. Precisa nas instruções, mas quieta sobre as consequências. — Quero que escutem minha voz e ignorem todo o resto que ouvirem.

Ninguém reclamou enquanto ela os guiava para cima, falando algo sobre Som, sobre caminhadas nas geleiras das planícies e a última tigela farta de peixes e cogumelos que ela conseguia se lembrar de antes da expiação. Falou até mesmo sobre coisas que não gosta de falar, como a saudade que sentia de seus amigos, em casa.

— Shircan costumava caminhar no gelo comigo, nas planícies durante o verão. Eu acho que ela não queria ser uma Tempestária. Mas quando você vê partes do seu lar se desprendendo e flutuando para longe...

*Você precisa fazer alguma coisa.* Ela não falou a última parte, mas Paltik assentiu.

— Imploramos para que os sábios nos ensinassem a dança das lâminas. Nos submetemos a eles, revelamos tudo que havia em nossos corações, puro e sombrio. Eu pensei que até o terceiro dia eles diriam que não éramos boas o bastante e nos mandariam embora. Mas não mandaram. Eles nos julgaram justas. Treinei por meses, até que nos permitissem remar para o Espiral. Demorou anos para que pudessemos experimentar a névoa pela primeira vez. Nós...

Deixou a fala morrer. Ela precisava permanecer calma. Precisava se focar.

— O que vocês *fazia* antes disso? — perguntou Gart, com a respiração ofegante.



— Eu catava coisas por aí. Tentava manter o telhado sob nossas cabeças. — Nada de mais.

— É mesmo? Eu também — ele respondeu.

— E eu — disse Paltik.

Quando ficou sem ter o que dizer, Kez começou a repetir as preces de purificação, de calma e do legado. Três de cada vez, apenas recitando-as em voz alta, sem pensar no que significavam.

*Poder incontrolado é a ruína da alma.*

*Viver sob a visão dos outros é mudança.*

*Grandes obras lavam pequenos rancores.*

Paltik os repetia com ela, e alguns dos outros começaram a imitá-los, apesar de que ainda olhavam inquietos para os lados. Na metade da subida pelo lado do vale, a névoa já estava cercado pedaços grandes de rochas nevadas, apontando para cima, como um amontoado de dedos.

Eles estavam bem, até que, de repente, não estavam mais. Kez conferiu o próprio reflexo novamente, e não conseguiu nem mesmo se enxergar, de tão coberta. Ela levantou a mão para que os outros parassem.

Os outros pareciam aterrorizados. Kez havia treinado em lugares assim, mas no começo eram apenas minutos de cada vez. Até mesmo Tempestários completos não teriam chance em uma névoa dessas, com paredes densas e íngremes se assomando por sobre eles.

Não daria certo pela encosta.

Se houvesse um lugar para se esconder, mais a fundo no vale, na base, talvez os gritos deles ainda chegassem às presas. Afinal, não estava chovendo e os ventos estavam calmos. Se ficasse assim, talvez a névoa não se assentasse por cima deles.

Então era isso. Se pudessem encontrar um riacho em alguns minutos, eles teriam cobertura, água e um obstáculo. Se não, poderiam correr de volta, dar uma longa volta por fora e tentar a encosta pelo outro lado. Ao ver como as pernas de Paltik estavam inquietas e como Gart lançava olhares maníacos em sua volta, Kez sentiu a escolha se fazer sozinha. Ela falou alto:

— Eu vou parar de falar e vamos nos mover depressa. O *único* som para o qual vocês precisam se atentar é o som de um rio ou riacho. Vamos encontrar água corrente e caminhar correnteza acima.

— Eu tenho bons ouvidos — disse Gart, sem gracinhas, correndo até a frente do grupo, esticando e inclinando a cabeça na névoa. — Me deixe assumir a liderança.

Kez havia deduzido que Gart fosse um caçador; como ele parecia saber o que estava fazendo, ela não fez nenhuma objeção. Então os outros correram atrás dele, com as cabeças em movimento, tentando ouvir o som da água corrente. Kez se esforçava para ignorar os meio-sussurros surgindo em seus ouvidos.

*Poder incontrolado é a ruína da alma.*

E depois:

*O poder aprisionado é a ruína do mundo.*

Apressaram-se colina abaixo, com os pulmões doloridos pelas respirações curtas. Conforme o vale ficava mais plano e a trilha começava a ficar sinuosa, eles fizeram uma fila atrás de Gart mantendo um silêncio sepulcral, certificando-se de que nenhum deles se perderia para a Névoa.

Gart parou tão subitamente que Kez quase trombou nele. Com ombros preparados para ação, ele observava atentamente algo que ela não conseguia ver. Kez tensionou e deu alguns passos para trás, movimentando a espada à frente do corpo enquanto ele virava e...

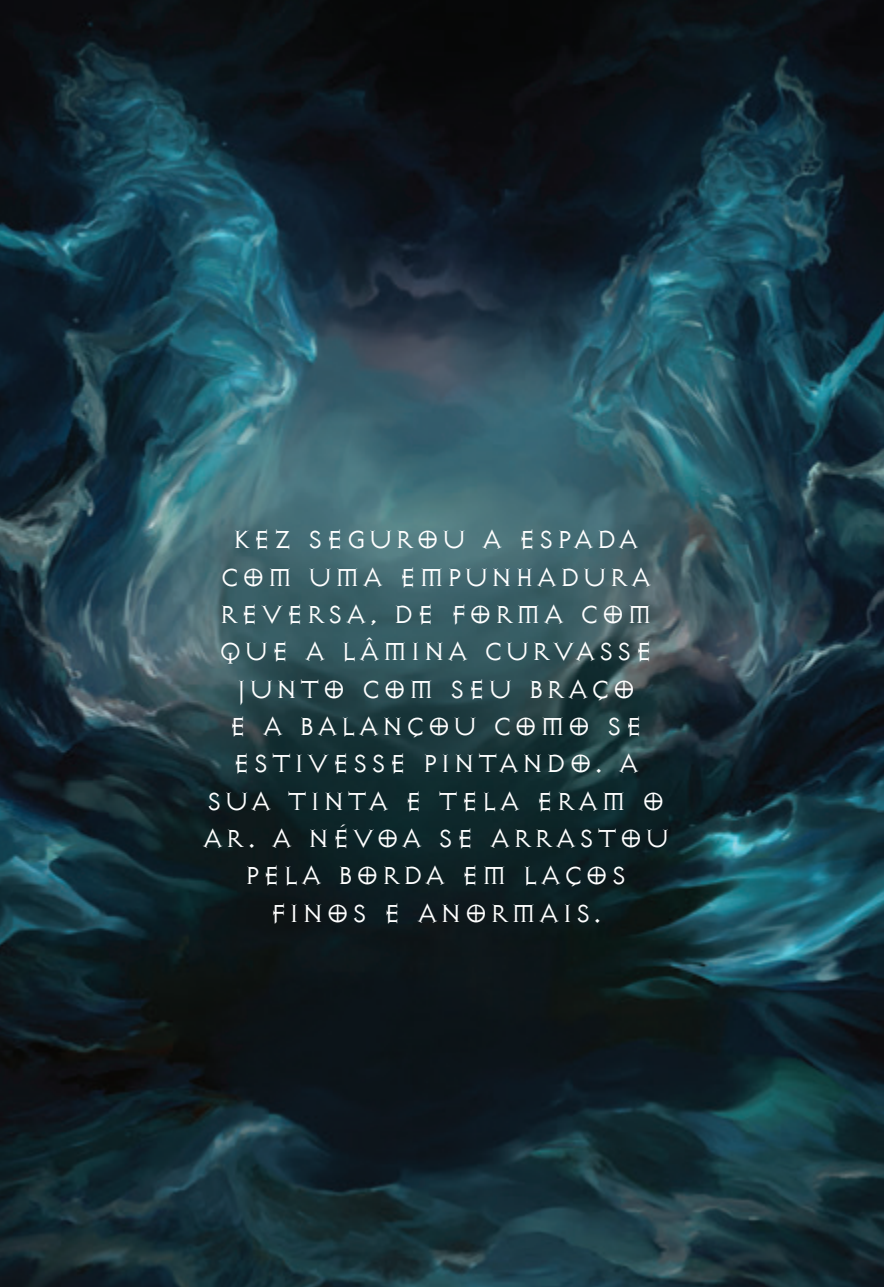
Ele estava rindo, a poucos metros de um riacho púrpura, modesto, meio congelado e sem nenhum sinal de peixes ou plantas. A água se amontoava em volta pedras pontiagudas com pouca profundidade, mas Kez pôde ver que ele se alargava mais à frente, talvez a um minuto de corrida das paredes do vale. Poderia funcionar.

O suspiro de alívio dela condensou à sua frente, e arfadas similares se formaram na frente dos outros, à sua volta. Era difícil ver a feição deles, mesmo enquanto se aproximavam, formando um semicírculo. Ela contou. Cinco além dela. Todos os prisioneiros estavam ali.

— As pessoas que morreram virão até nós, se souberem que estamos aqui, então vou usar esse riacho para chamar só um deles — explicou Kez.

— Alguém têm a mesma aparência de quando estavam vivos — continuou ela. —, mas não são mais pessoas. São monstros da névoa. Eles tomarão o seu fôlego e a sua pele, se vocês permitirem.

O rosto de Paltik se contorceu em horror, e Kez imediatamente levou o dedo aos lábios, em reflexo. Gart, excepcionalmente quieto, perguntou se ela já havia matado algum.



KEZ SEGURØU A ESPADA  
CØM UMA EMPUNHADURA  
REVERSA, DE FØRMA CØM  
QUE A LÂMINA CURVASSE  
JUNTØ CØM SEU BRACØ  
E A BALANÇØU CØMØ SE  
ESTIVESSE PINTANDØ. A  
SUA TINTA E TELA ERAM Ø  
AR. A NÉVØA SE ARRASTØU  
PELA BØRDA EM LAÇØS  
FINØS E ANØRMAIS.

— Ainda não — disse ela —, mas já os vi morrer.

— É por isso que você só tem uma espada? — perguntou Gart, rindo da própria piada. Tempestários costumavam usar duas, uma questão de orgulho e pragmatismo.

Kez estava aprendendo a ignorar as farpas dele.

— Me escute bem — disse, olhando para Paltik. — Podemos sair daqui com vida, e aquele sábio nunca terá controle sobre nós novamente.

— Como você sabe? — Ele parecia hesitante. Prestes a fazer algo.

— Porque eu prometi — disse ela, um pouco mais intensamente do que queria, mas ficar se repetindo era uma perda de fôlego. — Eu prometi pelo Som, não foi?

Ele não disse nada, apenas olhou para ela. Então ela continuou: — Podemos emboscá-los e podemos matá-los. Um de cada vez, se tivermos cuidado. Mas vocês precisam fazer exatamente o que eu disser.

Ninguém protestou, então Kez explicou tudo o que ela sabia sobre o que aconteceria em seguida.

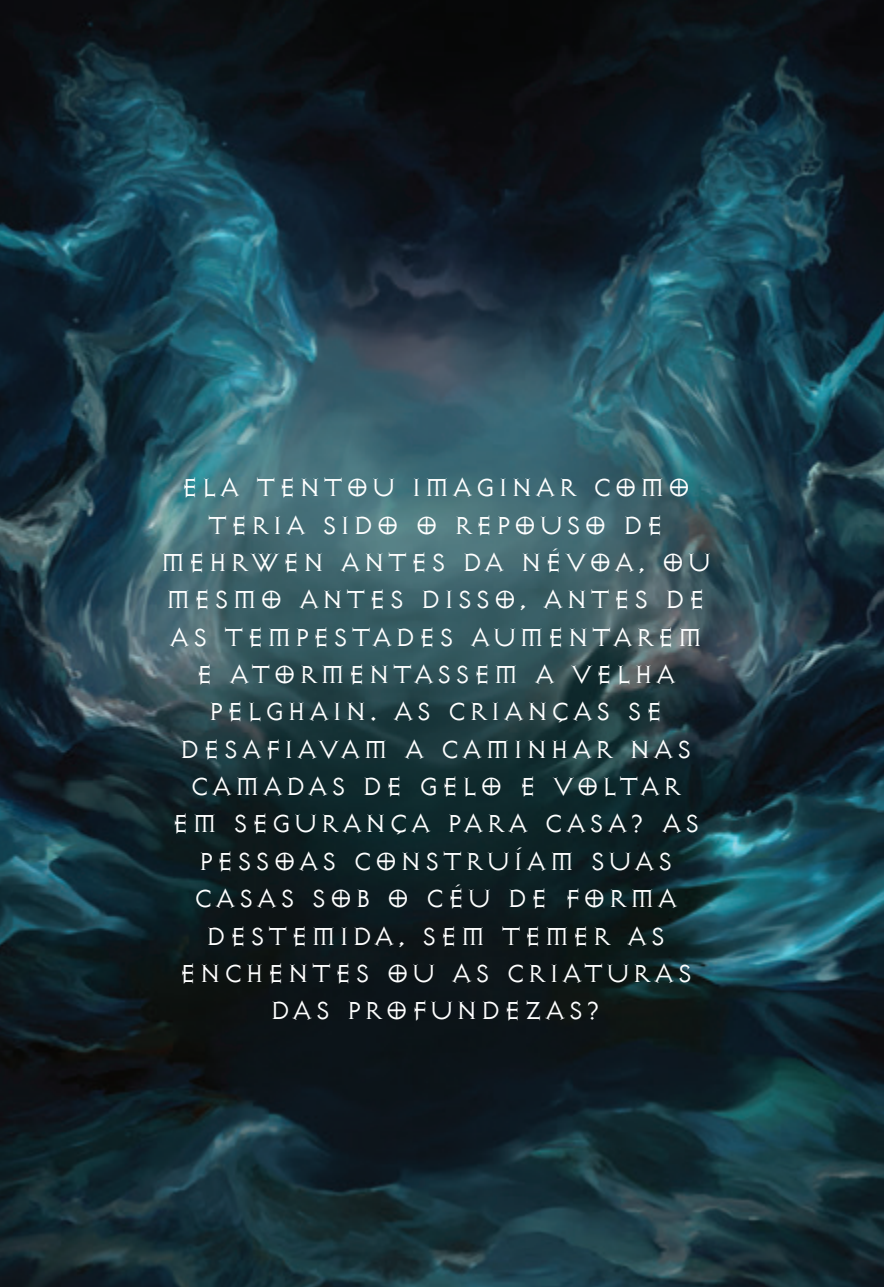
— Para alcançá-los, eu preciso fazer essa água correr — disse Kez, gesticulando em direção à água semicongelada, — o mais rápido possível.

Som Farrapo não ostentava um complexo de cavernas elevadas como o do Velho Pináculo, ou de um poderoso quebra-mar como o de Tempesguarda. Mas todos habitantes de Som sabiam como se virar e como quebrar as coisas, apesar disso não ajudar em nada no legado de Pelghain imperial. Então os prisioneiros encontraram pedras pesadas e longas em questão de minutos, e logo as trouxeram e lançaram no riacho para quebrar o gelo.

Kez segurou a espada com uma empunhadura reversa, de forma com que a lâmina curvasse junto com seu braço e a balançou como se estivesse pintando. A sua tinta e tela eram o ar. A névoa se arrastou pela borda em laços finos e anormais. Os prisioneiros se posicionaram e olharam para ela, que lhes explicou da melhor forma que pôde:

— Eles são atraídos por nossa respiração. Então respirem fundo. Não deixem nada da névoa entrar. Quando eu der o sinal, Gart e Paltik vão expirar com todas as forças. O resto de vocês segura o ar e mantém as lanças preparadas. Vai ser rápido.

Enquanto o grupo sorvia o ar, Kez dobrou a manga e passou o lado irregular da espada pelo antebraço. A mordida da lâmina foi dolorosa, mas deu a ela o que ela



ELA TENTOU IMAGINAR COMO  
TERIA SIDO E REPUSO DE  
MEHRWEN ANTES DA NÉVGA, OU  
MESMO ANTES DISSO, ANTES DE  
AS TEMPESTADES AUMENTAREM  
E ATORMENTASSEM A VELHA  
PELGHAIN. AS CRIANÇAS SE  
DESAFIAVAM A CAMINHAR NAS  
CAMADAS DE GELO E VOLTAR  
EM SEGURANÇA PARA CASA? AS  
PESSOAS CONSTRUÍAM SUAS  
CASAS SOB O CÉU DE FORMA  
DESTEMIDA, SEM TEMER AS  
ENCHENTES OU AS CRIATURAS  
DAS PROFUNDEZAS?

precisava. Algumas gotas de sangue, quase imperceptíveis, caíram na correnteza gelada. Kez observou o fluxo da água, apontando a espada manchada para ele, desejando para a falecida Mehrwen que fosse rápido o bastante.

E foi. O gelo rachou conforme o vento chicoteou o local em que a espada de Kez apontava e a correnteza surgiu, carregando seu sangue para o coração do Repouso.

— Agora.

Gart e Paltik expiraram o hálito gelado no ar. Segundos depois, como em resposta, ela ouviu uma lamúria solitária, um rosnado canino entregue na forma de um grito humano. Mais perto do que esperavam. O chamado de Kez funcionou bem até demais.

Quase não tiveram tempo de preparar as lanças quando a névoa caiu sobre eles como a maré.

Kez girou, tentando manter seus olhos no presente, enquanto fantasmas do passado tocavam sua mente.

*Soldados gritavam por suas famílias enquanto esperavam a morte. O Sábio Kynon gritou para que continuassem lutando. De alguma forma, ela podia ouvir cada uma das vozes com clareza sobre o ensurdecedor quebrar do oceano.* Era violento, não a calma de hoje. E aquelas pessoas não eram seus companheiros. Não eram *esses* companheiros.

Tudo na névoa era desprendido do tempo. Ela aprisionava as memórias e ansiava por mais, e Kez estava sem prática de mantê-las afastadas.

Então ela mordeu as bochechas, com força suficiente para fazê-las sangrar, segurou firme a espada e a brandiu. Ela se viu novamente no presente, com a névoa correndo em volta dos seus pés e se assomando sobre os olhos, como uma venda úmida.

Kez girou em um círculo, comandando que o vento levasse a névoa embora, e o vento fez conforme ela mandou, rodopiando a partir de sua espada estendida. Ela não conseguiria dispersar toda a névoa, mas talvez pudesse mantê-la afastada.

Ela procurou pelos outros nas nuvens que os cercavam, mas viu apenas duas formas tomarem foco: Paltik e a sombra que o devorava.

O monstro da névoa havia sido uma garota por volta da idade de Kez há pouco tempo. A morte na névoa havia tingido as tranças do cabelo dela na cor do musgo antigo. A pele era débil e frouxa, os olhos descarnados e as unhas maiores que os

dedos. A mandíbula estava esticada e rígida em angústia e os olhos eram vazios como os de um cadáver. A névoa era o titereiro.

Kez disse para Paltik, para todos eles, que não atacassem antes que o monstro se manifestasse completamente. Mas a lança dele estava no chão e os dedos gélidos do monstro estavam firmes em volta do seu pulso e da garganta.

Kez não era capaz de manter a névoa afastada e atacar o monstro. Mas, enquanto ele segurasse um ser vivo, era brevemente físico e carne. E Paltik, abençoado seja, estava gritando alto o bastante para que todos o ouvissem.

Ela gritou pelos outros.

Duas lanças brilharam no meio dos espirais de névoa, depois outra e mais uma. Cedrouk perfurou o braço que segurava o pulso de Paltik. Gart rasgou a perna do monstro, que olhou para ele com o rosto imóvel da morte agonizada enquanto duas outras lanças o perfuraram pelos flancos. Ele morreu sem emitir som algum, com uma névoa branca vazando de seus olhos vazios.

Kez girou, procurando por outros monstros. Ela não viu nenhum.

Evocando uma brisa pesada, ela limpou o ar em volta de Paltik. A pele em volta do seu pulso esquerdo e garganta pareciam ranho seco, descascando e soltando de onde o monstro tinha agarrado. Ele olhou para Kez e soltou um acesso de tosse molhada que fez o corpo inteiro estremecer e convulsionar, então caiu, encolhido, no chão.

E ali ele respirou. Estável. Vivo.

A névoa zumbia em volta deles em um círculo perfeito, enquanto Kez mantinha o controle. O vento era dela e ele estava se movendo.

— Mais cinco? — arfou Paltik. — A gente devia voltar pra costa.

— Só precisamos de mais quatro, se você se matar — disse Gart.

Se eles ficassem na costa por tempo demais, os maározhi apareceriam. Eles sempre vinham. Kez não gostava da ideia de lutar contra os mortos e as feras do mar ao mesmo tempo. Ela balançou a cabeça.

Além disso, eles conseguiram. Ela conseguiu. Paltik se arrastou no chão em direção ao monstro, cuja pele fluía como tinta. Ele arrancou uma tornozeleira gasta de bronze do pé da criatura e a guardou como prova.

Kez pensou sobre quem teria sido a garota-monstro. Ela tentou imaginar como teria sido o Repouso de Mehrwen antes da névoa, ou mesmo antes disso, antes

de as tempestades aumentarem e atormentassem a velha Pelghain. As crianças se desafiavam a caminhar nas camadas de gelo e voltar em segurança para casa? As pessoas construíam suas casas sob o céu de forma destemida, sem temer as enchentes ou as criaturas das profundezas?

Se ela terminasse seu treinamento, colocasse em dia sua promessa, talvez ela pudesse ajudar a tornar isso uma realidade.

Kez abriu os olhos, afastando os devaneios que vinham com tanta facilidade neste lugar. A névoa se esgueirava pelo chão conforme Kez relaxava, circundando as pernas dos prisioneiros. O vale parecia um lugar calmo antes, mas com todo o vento que ela havia chamado...

— Vamos para uma posição elevada — disse ela, com a voz mais exaltada do que gostaria. E gritou para Gart: — Ajuda ele. Vou ficar na retaguarda e afastar a névoa.

— Subir a encosta de novo? — perguntou Paltik, bambo, ao se levantar.

A névoa gotejava suavemente do céu. Agora eram pequenos flocos e mechas, mas em breve...

— Eu não vou carregar ele — gritou Gart, diretamente para Kez, e depois olhou para os outros. — Se vocês quiserem, fiquem à vontade.

— Não vamos deixá-lo para trás — disse Kez, mantendo-se firme. — Além disso, ele ainda consegue segurar a lança. Não consegue, Paltik?

Paltik assentiu. Trêmulo. Era o bastante.

Gart cruzou os braços e firmou os pés, pronto para perder mais tempo discutindo. Então a névoa se formou em cima deles, como um cobertor que cobria o chão do vale, e ele sumiu da vista dela.

Kez torceu sua espada para tentar salvá-los, talhando um túnel de ar vazio na direção da borda do vale, mas não conseguiu abrir nem a metade do tamanho que ela gostaria. Ela sentiu a névoa envolvendo-a, pressionando-a de todos os lados, com um peso incompatível para a forma com que se movia.

— Corram! Para encosta! — gritou ela.

Ela não teve tempo de ver se eles conseguiram.

A névoa caiu sobre Kez, afogando-a em memórias.





*Kez ainda gritava pelas pessoas que tinha perdido. Eles não podiam ouvi-la com todo o alvoroço.*

*As ondas explodiam e o vento rugia, mas o rosnado dos maorozhi era ouvido por cima de tudo. Dois anos atrás, as tempestades desenfreadas mandaram ondas com força total para Som Farrapo, e as feras do mar foram levadas juntas para a ilha que se afundava.*

*O quebra-mar de Som Farrapo não era como o glorioso edifício que protegia Pelghain, ornamentado nas cores azul-petróleo e branco e decorado por artistas e amadores de todas as partes da capital. O quebra-mar de Som Farrapo era feito do mesmo material que sua população — sobras.*

*Mas Kez tinha as próprias ordens. Quando a tempestade começou a castigar, Sábio Kynon desceu das cavernas superiores, as moradias altas que eram poupadas do pior das inundações. Ele reuniu o punhado de dançarinos das lâminas, Tempestários em treinamento, que havia em Som Farrapo para dizer que não viria ajuda de Pelghain, e que eles — eles — eram a última linha de defesa do seu lar.*

*O sábio dividiu todos em dois grupos — dois dançarinos das lâminas e meia dúzia de voluntários da milícia para as casas suspensas do bairro dela, para proteger quem chegasse ou que, por má sorte ou más escolhas, acabassem perto da costa, longe da segurança das cavernas superiores.*

*E toda a milícia restante e oito dançarinos das lâminas, incluindo Kez, iriam para o quebra-mar.*

*Kez jurou que eram mais do que o bastante para proteger o quebra-mar, que essa divisão era um desastre, mas o sábio não tolerou discussão. Um quebra-mar era a garantia de sobrevivência de Som Farrapo como era a garantia de qualquer pedaço de terra nas Ilhas Frias. E Som Farrapo era parte do legado da Pelghain imperial. E Pelghain era muito mais suas gerações passadas e futuras do que as pessoas vivas nela atualmente.*

*Então Kez foi à batalha, desceu pela disformidade do quebra-mar, com ondas quebrando à sua volta e talhou os maorozhi até ficar com as roupas escuras com o sangue deles e até que suas unhas e a maioria dos dentes de sua espada tivessem quebrado nas escamas deles.*

*Ela não lutava sozinha. O que certamente salvou a sua vida. Kez caiu mais de uma vez, rodopiando e caindo de ponta-cabeça nos pedaços do muro, sempre sendo gentilmente*



— VOCÊ OS USOU.

— ELES LUTARAM COM  
TUDO QUE TINHAM.  
NÓS DERMOS TEMPO PARA  
DEFENDER NOSSO MAIOR  
PATRIMÔNIO.

— VOCÊ JOGOU A VIDA  
DELES FORA! — ACUSOU  
ELA, APONTANDO UM DEDO  
PARA O SÁBIO.

— SOMOS TODOS CULPADOS  
— DISSE KYNON.

E ESSE FOI O FIM DE TUDO.

*levantada por uma lufada de vento evocado. Shircan, sua amiga desde a infância, dava passos largos nas pontas dos pés em volta dos destroços, segurando uma lâmina dos ventos na mão direita e uma espada de treinamento na esquerda. Ela precisava usar as duas espadas, como uma Tempestária real, por equilíbrio, é o que dizia.*

*Shircan morreu caída contra a parede, com o espinho da calda de um maározhi fincado na garganta e uma linha marrom de bile escorrendo pelo queixo.*

*Izavel do Olhar da Lua corria entre os maározhi como um raio, com seus elegantes chicotes de água decepando os membros dos monstros. Até que um monstro colossal com o corpo de um grande tubarão e uma bocarra imensa de lampreia a jogou nas pedras da base do quebra-mar e a despedaçou em segundos.*

*Kez chorou e lutou de olhos fechados por minutos que pareciam horas. Ela escorregou e se ergueu mais vezes do que conseguia contar, deixou que os inimigos se aproximassem tanto que pode cortar seus ventres com ventos mais afiados que navalhas. O quebra-mar não rompeu, mesmo com os monstros atacando de forma incessante, mesmo com Kez tremendo de febre, com cada parte do seu corpo queimando enquanto ela saía do alcance das garras deles.*

*Incontáveis corpos contorcidos de maározhi restavam grudados e despedaçados por toda a extensão do quebra-mar danificado. E, por enquanto, Som Farrapo se manteve firme.*

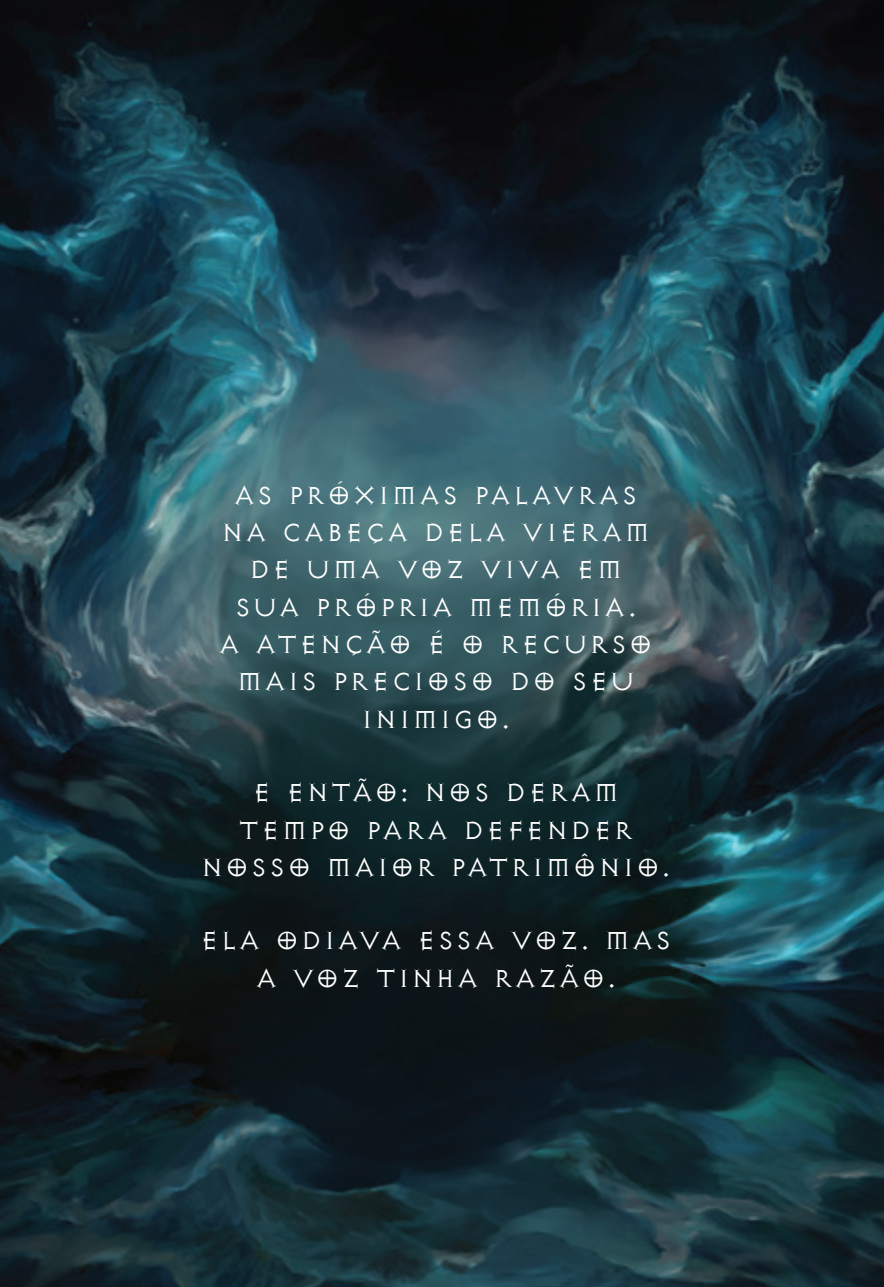
*Em cima do quebra-mar, Kynon e seu séquito a observaram subir, o sábio até estendeu a mão para ajudá-la, sem se importar com o sangue. Ele parecia soturno, mas não surpreso, como se não esperasse nenhum outro resultado. Uma expressão de quem pagou caro demais por um bom peixe no mercado.*

*Kez não perdeu nem um segundo. Ainda dava tempo, ela gritou sobre os estrondos da tempestade. O quebra-mar estava seguro. Eles deveriam enviar todos que pudessem para a costa.*

*— A costa já caiu — gritou Kynon de volta. — Precisamos de você aqui. Se a tempestade mudar de direção, os maározhi podem voltar e nos subjugar.*

*Kynon havia escolhido o seu ponto de estrangulamento, mandado suas forças para ele. E havia decidido o que valia à pena perder para mantê-lo. Então muitos dos amigos dela, dos vizinhos, estavam perdidos. Mas as terras do império em extinção iriam perdurar.*

*Abaixo deles, os cabelos e mantos dos defensores de Som Farrapo ondulavam sem vida, no oceano.*



AS PRÓXIMAS PALAVRAS  
NA CABEÇA DELA VIERAM  
DE UMA VØZ VIVA EM  
SUA PRÓPRIA MEMÓRIA.  
A ATENÇÃØ É Ø RECURSØ  
MAIS PRECIØSØ DØ SEU  
INIMIGØ.

E ENTÃØ: NØS DERAM  
TEMPØ PARA DEFENDER  
NØSSØ MAIØR PATRIMÔNIO.

ELA Ø DIAVA ESSA VØZ. MAS  
A VØZ TINHA RAZÃØ.

*Pelo quê? Isso era demais.*

*— Então por que mandar alguém para a costa? Por que não mandar os residentes para os pontos mais altos e juntar todos os defensores aqui?*

*— A atenção é o recurso mais precioso do seu inimigo. E até mesmo um único dançarino das lâminas pode dividir a atenção dos maarozhi.*

*Aí estava. Tão simples. Explicado como se ela fosse uma criança.*

*— Você os usou.*

*— Eles lutaram com tudo o que tinham. Nos deram tempo para defender nosso maior patrimônio.*

*— Você jogou a vida deles fora! — acusou ela, apontando um dedo para o sábio.*

*— Somos todos culpados — disse Kynon.*

*E esse foi o fim de tudo.*

*Ela socou o sábio no queixo com força suficiente para derrubá-lo ao chão, gritando como um animal enquanto o séquito dele a puxava para trás e a prendia com algemas. Ali começou a expiação dela.*

*Atacar um sábio deveria significar o exílio. Ou a morte. Em Pelghain, existiam várias formas criativas de unir esses dois. Se Kynon pensasse que valia a pena matá-la, ela teria sido amarrada a uma jangada no mesmo dia, e estaria à deriva nas planícies de gelo próximo ao Cayo do Tremor, coberta de miúdos e com o ventre aberto. Ela passaria a noite com as aves marítimas em suas entranhas e estaria no estômago de um maarozhi ao nascer do sol.*

*Mas, em vez disso, ele a jogou numa cela. E deixou ela lá. Kynon, o peixe frio, pensou que a vida dela tinha valor. Em serviço a ele.*

*Som Farrapo era uma ilha de destroços. Inclemente e indefensável, um fio podre no meio de uma trama. Mas Kez havia sangrado por ela.*

*De que valeria tudo isso, se ela não pudesse voltar para casa?*



Kez sentiu como se tivesse recebido o próprio soco no queixo.

Na névoa, o passado escorria para o presente. Ela havia percorrido metade do caminho subindo a encosta do Repouso de Mehrwen quando começou a subir o

quebra-mar em sua memória, seguindo os gritos que ela ainda podia ouvir. Gritos que ela *conhecia*. Ela foi mais lenta do que os outros prisioneiros, perdida em devaneios. E, por causa disso...

Até mesmo na altura em que estava a névoa não tinha acabado, mas estava mais fina. Livre da sua prisão, Kez voltou a si. As mãos dela estavam marcadas e doloridas por se agarrar nas pedras, mas a espada ainda estava ao seu lado.

Kez correu o resto do caminho, com o vento fazendo cada passo boiar por sobre as pedras que ela quase não tocava com os pés, e assim ela se aproximou do cume em minutos. A maioria dos prisioneiros estavam em silêncio e ela temia encontrá-los com os pulmões cheios de névoa. Outra batalha desafortunada que ela conseguira sobreviver.

Ela chegou ao cume da encosta e parou sobre um círculo plano de pedras largas. A névoa rodopiava em volta de seus pés. Testando-a. Sem devorá-la. Aqui ela não precisaria se preocupar com a névoa, como no vale.

Formas perambulavam pela colina, a maioria com um rastro de fumaça. Quatro monstros da névoa cercavam Gart. Ele estava jogado no chão, com braços flácidos. Os resquícios escoantes de um dos monstros estava logo atrás dele, mas os outros já estavam sobre ele, lutando para lhe tirar o calor dos pulmões.

Mais dois monstros cercavam Paltik, com as pontas nebulosas dos dedos fincadas em sua pele, em cima dos ferimentos que ele sofreu antes. Ele estava se esforçando para se livrar deles, mas a lança não estava à vista.

Kez enviou uma rápida rajada de vento para dispersar o resto de névoa dali, para ver se os monstros a seguiriam, mas estavam focados demais em suas presas.

Eles quase não conseguiram lidar com um único monstro enquanto estavam todos juntos. Agora Paltik tinha que lidar com dois, desarmado.

Mesmo assim, ela lutaria com tudo o que tinha à disposição.

Kez expirou com força e o monstro da névoa mais próximo, um fazendeiro alto que vestia os restos de uma longa túnica se afastou de Gart e saltou na direção dela. Kez movimentou sua espada em um círculo e correntes de ar aprisionaram o monstro a centímetros do seu rosto. Ela o cortou com a espada três vezes, com uma velocidade sobrenatural, e viu as entrâncias dos cortes na criatura se transformando em nuvens brancas. Esse monstro tinha um pingente simples em volta do pescoço e, enquanto se debatia, Kez cortou o cordão do pingente e o puxou para si. Outra

prova de morte.

Ela enviou uma lufada de ar por sua espada diretamente ao monstro que sugava o fôlego de Gart, lançando-se para frente e caindo por cima dele com a força de um furacão. O corpo do monstro definiu, varrido pela névoa rodopiante, mas conforme Kez se levantava, os outros monstros avançaram sobre ela, com os dedos de garra rasgando pedaços da sua carne.

Mas Kez dançou para fora do alcance deles, antes que pudessem arrastá-la para o chão. Os buracos que deixaram na sua pele queimavam como gelo.

Os olhos de Gart estavam abertos, mas um ruidoso monstro da névoa ainda estava totalmente focado nele, e outro, que estava com Paltik, se aproximava correndo. Ele saltou sobre Kez com as mãos em forma de garra, mas ela o cortou freneticamente, com a visão afinilada, focando apenas nos golpes e sem perceber o outro monstro que se erguia logo atrás, rasgando sua nuca e pescoço.

Ela arfou, primeiro de dor e depois buscando fôlego, conforme o monstro a sugava. Kez saltou para trás, deixando o vento a empurrar quando os músculos da perna falharam em responder. Mas o vento não a carregaria para muito longe, o controle dela estava vacilando.

Vergonha e fúria caíram sobre Kez enquanto ela olhava para seus companheiros. Ela deixou isso acontecer com eles. Ela havia prometido, mas estava matando todos eles.

Kez balançou a espada em um arco com a mão direita para manter o monstro ocupado, procurando uma abertura. Então arremessou dardos de ar com a mão esquerda, mirando na criatura que subia em Paltik. Ela não conseguiria ferir o monstro com um ataque tão simples, mas talvez o distraísse — e assim que o monstro tirou os olhos da presa, Kez arremessou Paltik com um forte vento, livrando-o das mãos do monstro e deixando-o de costas, a metros de distância. Ela o viu cambaleando para ficar de pé, então se voltou para os limites da encosta, procurando por Gart, exausta.

Ela o encontrou onde começavam as árvores. O rosto dele estava cinza, sério e pálido. Mas ele tinha matado um. Ele era um guerreiro. Talvez pudesse...

Cedrouk, o sonolento, levantou-se bem na frente de Kez, com uma bruma escapando de sua mandíbula distendida. Ela golpeou rapidamente sobre sua cabeça vazia, deixou a espada escapar das mãos e a fez retornar com o ar no instante

em que ele a agarrou. A cabeça de Cedrouk deslizou pelo pescoço e seu corpo caiu no chão.

Mas Ponnyd e Silla ainda se esgueiravam atrás dele, com os olhos vítreos e sobre os quatro membros. Os maarozihi eram um flagelo, mas seus números eram limitados. Os monstros da névoa aumentavam em número a cada vida que tiravam.

Enquanto ela se afastava, suas botas raspavam o cascalho na encosta.

Quem havia sobrado para proteger? Quem tinha as melhores chances?

Gart era hábil, mas estava mortalmente ferido. Os monstros estavam se juntando novamente sobre Paltik, que estava respirando, mas dificilmente mataria algum monstro. Os outros prisioneiros eram cadáveres parados ou em movimento. Kez estava de pé, acabada, seus chamados pelo vento cada vez mais fracos enquanto sua própria vida se esvaía. Cinco monstros mortos no cume, mas ainda havia mais. Kez sabia que não poderia vencer.

*Eles não poderiam vencer.*

As próximas palavras na cabeça dela vieram de uma voz viva em sua própria memória. *A atenção é o recurso mais precioso do seu inimigo.*

E então: *Nos deram tempo para defender nosso maior patrimônio.*

Ela odiava essa voz. Mas a voz tinha razão.

Usando todo resquício de fé e força que ela ainda tinha, Kez agarrou a espada com ambas as mãos e enviou uma dúzia de raízes de vento na direção dos sobreviventes de Som Farrapo.

Enquanto Gart se esforçava para lutar contra os dois monstros, com uma mancha vermelha-negra crescendo em seu peito, os ventos o envolveram, fracos demais para tirá-lo do chão.

Mas fortes o bastante para tirar o ar dos pulmões dele.

Conforme ele expirava, os cadáveres de Ponnyd e Silla se esqueceram de Kez, apontaram o nariz esquelético para o céu e farejaram uma presa fácil. Kez ficou ali, tremendo, enquanto seus conterrâneos perdidos corriam para o banquete.

As mãos deles se fecharam sobre o pescoço de Gart, enquanto sugavam o hálito — e a vida — dele. A fome dos monstros foi atizada. Conforme o prendiam no chão, uma bruma começou a surgir da boca dele, que não conseguia mais se fechar.

Paltik engasgou-se freneticamente, tentando sorver goles de ar que nunca chegavam. Os olhos frenéticos dele procuraram por Kez, e a encontraram, na divisa



da encosta.

Ele estava caído no chão, mas mesmo assim ela conseguiu ouvi-lo sobre o chiado dos monstros.

— N-Não faz isso. Socorro. Por favor.

Kez precisava, mais do que qualquer coisa, desviar o olhar.

— Prometeu — Paltik arfou a palavra, úmida. — *Prometeu.*

Ela limpou os olhos. Precisava se focar no campo de batalha.

Gart quase não tinha mais fôlego. Sufocando e com a pele azulada, ele sacudiu os braços em espasmos, coaxando para os monstros e para a própria morte. As palavras dele eram ininteligíveis, exceto aquelas que Kez sabia que eram para ela. Essas eram claras como se ele as sussurrasse diretamente em sua mente:

— Você não é melhor do que os sábios.

Levaria minutos até que Paltik e Gart morressem. Enquanto isso, os monstros do Repouso de Mehrwen os cercaram em um círculo que escorria névoa, tornando-se uma presa fácil para uma dançarina das lâminas, mesmo com a espada quebrada. As criaturas se amontoaram satisfeitas. A única preocupação que tinham era a chance de se alimentar.

Kez sentiu uma queimação pior que suas feridas enquanto segurou o ar e se manteve imóvel, esperando para que o foco da batalha mudasse. Esperando a chance dela.

A espada parecia gelo em suas mãos, e a névoa a abraçava de perto.



Kynon se encolheu contra o vento, apesar de sentir uma coceira insuportável com a lâ. A maior parte do séquito dele ficou na barca, acovardados — apesar de que nunca admitiriam isso — pelos sussurros ecoados que pareciam vir do vale do Repouso. Mais uma hora e eles se agitariam para ir embora, com a vaga desculpa de manter a segurança *dele*.

Ser um sábio era matar toda a incerteza. Ele enviou os prisioneiros em expiação de Som Farrapo para matar os monstros e não iria embora sem ter certeza do seu sucesso ou falha. Então caminhou até a beira do vale, flanqueado por dois guardas,

assim que ouviu o sedimento estalar sob as botas de alguém.

Kez surgiu mancando do vale e parou na frente dele, imóvel. Os guardas se afastaram com suas lanças de arremesso, preparando-se. Ela olhou para eles, cabelo selvagem colado ao rosto pelo sangue e chuva, seu semblante com uma calma sobrenatural, como se estivesse congelado. Apesar das vestes rasgadas, ela não tremia e seus lábios não se moviam. E ela estava quieta.

Kez tinha um embrulho nos braços. Kynon gesticulou para que os guardas não atacassem.

Ele deu um passo à frente e a avaliou. O cascalho se prendia às botas dela por onde caminhou. Não havia sinal de névoa presa no branco dos olhos dela.

O Sábio Kynon assinalou que estava tudo limpo, e os guardas abaixaram as armas e voltaram para a costa. Kez andou na frente dele, sem dizer nada, com uma marcha contínua conforme aproximavam-se da barca.

Ela certamente tinha o sangue quente e era arrogante. Mesmo após a expiação. Mas um espírito desses podia ser temperado, até mesmo explorado. Ela também era talentosa e astuta. Uma sobrevivente.

Por anos, os grandes Desancorados, os vigias de Pelghain, haviam avisado os sábios de uma escuridão que crescia e se quebraria sobre as ilhas. Um perigo que ia muito além dos dilúvios e da névoa, um que ameaçava destruir totalmente o seu lar. Os Desancorados não eram profetas. Seus olhos inquietos olhavam apenas para o passado, para a história. Eles não eram capazes de dizer, ou não sabiam, que forma essa escuridão teria. Apenas que seria o pior fim que uma nação poderia sofrer.

Se Kez se sobressaísse como Tempestária, algum dia ela poderia encontrar, suportar e, talvez, até mesmo se livrar dessa escuridão, parar a tempestade ou reerguer o império. E seria a visão de Kynon que a traria para a capital.

— E a sua expiação? — perguntou ele, quando estavam a poucos passos da barca. — E a dos outros?

Kez desfez o embrulho que carregava e deixou o conteúdo se derramar sobre o chão da barca: tornozeleiras, correntes, pingentes e gargantilhas. Muito mais do que seis.

— Somos todos culpados — disse ela.

Quando Kez embarcou, ninguém a deteve.

